

“Todas as disciplinas intelectuais têm fundadores mas apenas as ciências sociais têm a tendência de reconhecer a existência de ‘clássicos’. Os clássicos, eu afirmaria, são fundadores que ainda falam para nós com uma voz que é considerada relevante. Eles não são apenas relíquias antiquadas, mas podem ser lidos e revidos com proveito, como fonte de reflexão sobre problemas e questões contemporâneas.”

Anthony Giddens é membro do King's College e professor de Sociologia na Universidade de Cambridge. É autor de diversos títulos, dentre os quais, publicados pela Editora UNESP: As consequências da modernidade, 1991; A transformação da intimidade, 1993; Para além da esquerda e da direita, 1996; Modernização reflexiva, 1997.

ISBN 85-7139-177-7



POLÍTICA, SOCIOLOGIA E TEORIA SOCIAL Anthony Giddens

Anthony Giddens POLÍTICA, SOCIOLOGIA E TEORIA SOCIAL

Encontros com o pensamento
social clássico e contemporâneo

Editora
UNESP

Copyright © 1995 by Anthony Giddens
Titulo original em ingles: Politics, Sociology and Social Theory.
Encounters with Classical and Contemporary Social Thought.

Copyright © 1997 da tradução brasileira:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Av. Rio Branco, 1210
01206-904 - São Paulo - SP
Tel./Fax: (011) 223.9560

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Giddens, Anthony
Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento
social clássico e contemporâneo / Anthony Giddens; tradução
de Cibele Saliba Rizek. — São Paulo: Fundação Editora da UNESP,
1998. — (Biblioteca básica)

Titulo original: Politics, Sociology and Social Theory.
ISBN 85-7139-177-7

1. Ciências sociais 2. Sociologia - Filosofia I. Título. II. Série.
98-0979 CDD-301.01

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia da sociologia 301.01

SUMÁRIO

7	Prefácio
9	Introdução
25	Capítulo 1 Política e sociologia no pensamento de Max Weber
73	Capítulo 2 Marx, Weber e o desenvolvimento do capitalismo
103	Capítulo 3 A Sociologia Política de Durkheim
147	Capítulo 4 Durkheim e a questão do individualismo
169	Capítulo 5 Comte, Popper e o Positivismo
241	Capítulo 6 "Poder" nos escritos de Talcott Parsons



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias



CAPÍTULO 2

MARX, WEBER E O

DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO

Há poucas relações intelectuais na literatura sociológica tão difíceis de interpretar como a existente entre os escritos de Karl Marx e os de Max Weber. Estabeleceu-se, para muitos, uma concepção de que os escritos de Weber — particularmente *A ética protestante e o espírito do capitalismo* — se constituem em uma “refutação” ao materialismo de Marx; outros assumiram uma visão contrária, considerando que grande parte da sociologia de Weber “se encaixa sem dificuldade no esquema marxiano”.¹

Um problema central que ajudou a obscurecer a natureza da relação entre as visões desses dois pensadores foi o de que apenas anos depois da morte de Weber se tornou possível avaliar a contribuição de Marx sobre seus trabalhos precoces, não publicados anteriormente.² Esses trabalhos esclareceram duas coisas. Primeiro, que a concepção de Marx de “materialismo histórico”³ é consideravelmente mais sutil e menos dogmática do que parece a partir de algumas das suas afirmações mais citadas de fontes como o Prefácio de *A contribuição à crítica da economia política*.⁴ Segundo, que as contribuições de Engels ao marxismo⁵ devem ser cuidadosamente diferenciadas dos termos básicos do próprio pensamento de Marx.⁶ Assim, para estimar os pontos centrais da similaridade e divergência entre Marx e Weber, é necessário reconsiderar a natureza do materialismo histórico em geral e a con-

cepção de Marx da gênese e da tendência do movimento do capitalismo em particular. Conquanto se possa, obviamente, respeitar as afirmações do próprio Weber sobre o tema da sua relação com Marx, estas nem sempre se constituem em um índice suficiente.

A confusão na literatura subsequente sobre a natureza da crítica de Weber a Marx origina-se também do fracasso em distinguir numerosos temas diferentes, porém inter-relacionados, nos escritos de Weber. A insistência de Weber na separação lógica absoluta entre o conhecimento factual e a ação dirigida por valores não deveria permitir que se obscurecesse sua ênfase na relevância da análise sociológica e histórica em relação à participação prática na política.⁷ Algumas das mais importantes idéias sociológicas de Weber são, na verdade, mais claramente reveladas nos seus escritos diretamente políticos mais do que nas suas publicações acadêmicas.⁸ Desse modo, Weber não escreveu simplesmente uma crítica intelectual de Marx, mas também uma crítica em resposta aos escritos e aos envolvimentos políticos de proeminentes políticos e autores marxistas de seu tempo. Três aspectos parcialmente distintos das visões de Weber devem, assim, ser discriminados: (1) sua atitude em relação ao "marxismo" na forma do principal agente político marxista na Alemanha, o Partido Social-Democrático; (2) suas concepções sobre as contradições acadêmicas dos autores marxistas para a história e a sociologia; (3) suas concepções sobre o que ele considerava serem as idéias originais do próprio Marx. Esses três aspectos do pensamento de Weber podem, por sua vez, ser diferenciados do problema analítico de considerar até que ponto o entendimento de Weber da teoria de Marx do materialismo histórico foi válido.

Analisando essas quatro dimensões da relação entre Marx e Weber, devo me concentrar especialmente na questão que foi de importância primordial para ambos: a interpretação do desenvolvimento do capitalismo moderno na Europa. A seqüência de mudanças ocorridas na estrutura política e social de meados até os anos finais do século XIX constitui um fundamento essencial para o capítulo como um todo: as atitudes de Weber em relação a Marx e o marxismo não podem ser entendidas e analisadas adequadamente fora desse contexto. O trabalho de Weber não foi escrito meramente como uma réplica ao "fantasma de Marx", mas também integrava um debate que envolvia uma força — o marxismo — que desempenhava uma

enorme papel político e intelectual na Alemanha imperial. Dessa maneira, a análise se divide em três partes: o fundamento histórico do desenvolvimento de Weber em relação a, e suas visões sobre, Marx e o marxismo; e o problema analítico que hoje um observador enfrenta ao tentar estimar as similaridades e divergências lógicas e empíricas entre os escritos de Marx e de Weber. Essas três partes, em vez de referir-se ao fato de que as séries de mudanças descritas na primeira categoria — o desenvolvimento político e social da Alemanha na segunda parte do século XIX — ajudam a elucidar os traços-chave tanto da evolução do marxismo naquele país⁹ quanto da resposta de Weber a ele como influência política e como doutrina acadêmica.

O fundamento histórico

Na virada para o século XIX, a Alemanha se compunha de 39 principados em competição. Os dois principais Estados alemães, Prússia e Áustria, eram também os mais poderosos: sua intensidade era um fator que atrapalhava a unificação alemã. As esperanças do nacionalismo alemão, entretanto, foram obstruídas também pela composição étnica da Áustria e da Prússia em si mesmas. A Áustria, depois de 1815, abrigava mais não-alemães do que alemães em sua população; a Prússia incorporou um grande número de poloneses dentro dos seus territórios do Leste. A doutrina nacionalista poderia, previsivelmente, acarretar, para a Prússia, a devolução dessas terras ao Estado polonês. Assim, o governo austríaco se opunha terminantemente a qualquer movimento em direção a um Estado alemão integrado; e, a despeito de uma forte corrente de nacionalismo, o caso da Prússia não era muito diferente.

Havia, porém, em relação ao atraso da unificação alemã, características básicas da estrutura econômica e social do país de importância maior do que esses fatores. A Alemanha, comparada ao país capitalista mais avançado, a Inglaterra, estava quase na Idade Média, em termos do nível do seu desenvolvimento econômico quanto em termos do baixo grau de liberalização política dentro dos diferen-

res Estados alemães. Na Prússia, a aristocracia fundiária, os *Junker*, cujo poder nascia de sua posse de amplas propriedades anteriormente eslavas a leste do Elba, manteve uma posição dominante no interior da economia e do governo. Assim, a burguesia alemã emergente não tinha, virtualmente, nenhum acesso às rédeas do poder, na primeira parte do século XIX.

Entretanto, a Alemanha não poderia permanecer completamente isolada diante das fortes correntes de mudança política que foram mobilizadas na França pelos eventos de 1789. Os primeiros trabalhos de Marx foram escritos como antecipação da revolução alemã. Na verdade, poder-se-ia afirmar que a preocupação de Marx com o atraso da Alemanha, em sua estrutura social e econômica, estava na raiz da sua concepção original do papel do proletariado na história. Na França, escreveu Marx em 1844, "a emancipação parcial é a base da completa emancipação". Mas na Alemanha, bem menos desenvolvida, uma "emancipação progressiva" era impossível: a única possibilidade de progresso era a revolução radical. Na Alemanha, "a completa emancipação é a *conditio sine qua non* de qualquer emancipação parcial". Isto pode se cumprir, escreveu Marx, somente pela formação do proletariado, "uma classe que possui *amarras radicais* ... uma classe que é a dissolução de todas as classes, uma esfera da sociedade que tem um caráter universal porque os seus males são universais".¹⁰ Naquele momento o proletariado mal existia na Alemanha; se Marx não estava plenamente convencido desse fato em 1844, ele certamente o reconheceu em 1847. Posteriormente, Marx viu com clareza que a revolução iminentemente na Alemanha seria uma revolução burguesa;¹¹ mas as características peculiares da estrutura social da Alemanha, tal como ainda pareciam a Marx, poderiam tornar possível que uma revolução burguesa fosse seguida proximamente de uma revolução proletária.¹² Porém, Marx estava consciente da fraqueza da burguesia alemã e notou que, antes mesmo de ter empreendido qualquer reivindicação direta de poder, ela estava propensa a desperdiçar toda a força que eventualmente possuísse em conflitos prematuros e desnecessários com a classe trabalhadora nascente.¹³ O fracasso das revoluções de 1848 na Alemanha atestou esse fato e dissipou o otimismo de Marx sobre um imediato "salto para o futuro" na Alemanha — ou, na verdade, na Inglaterra ou na França.

Os levantes de 1848 foram, entretanto, uma experiência salutar para os círculos dominantes nos Estados alemães, especialmente a Prússia. Depois dessa data, foram instituídas numerosas reformas sociais e políticas que moveram o país para além da autocracia tradicional semifeudal. O fracasso de 1848 em produzir quaisquer reformas radicais, entretanto, funcionou como aviso de morte para as esperanças, não apenas dos pequenos grupos de socialistas, mas também para os liberais. A manutenção do poder econômico *Junker*, da sua dominação e dos corpos de funcionários no exército e na burocracia civil, conduziu à força os liberais alemães à aceitação de uma série de medidas abrangentes que introduziram nada mais do que uma ilusão de democracia parlamentar.¹⁴ Os eventos de 1848 marcaram uma linha de vinculação direta entre Marx e Weber. Para Marx, o resultado foi o exílio na Inglaterra e o reconhecimento intelectual da importância de demonstrar, em detalhe, as "leis de movimento" do capitalismo como um sistema econômico. Dentro da Alemanha, os fracassos de 1848 prepararam o caminho para a inépcia do liberalismo, a qual, quando comparada aos sucessos espetaculares da hegemonia de Bismarck, se constituiu em um importante fundamento para o conjunto do pensamento de Weber em sua sociologia política. Talvez o elemento mais importante, a persistência da estrutura econômica e social tradicional na Alemanha, depois de 1848, tenha afetado drasticamente o papel do movimento operário, colocando-o em uma posição muito diferente da que ocupava na Inglaterra ou na França.¹⁵

Aqui não há espaço para discutir detalhadamente a complicada questão da relação de Marx com Lassalle e com o movimento que Lassalle fundou. Entretanto, alguns aspectos dessa relação foram relevantes. Desde o começo do movimento social-democrata havia uma ambivalência intrínseca em relação às doutrinas de Marx que se constituíram em fonte permanente de cismas dentro do partido. Enquanto, em dívida para com a teoria do capitalismo de Marx, na sua liderança prática do novo movimento ele atuava constantemente em direção oposta à das concepções de Marx sobre questões específicas e defêndia políticas contrárias à própria teoria que ele proclamava aceitar. Assim, deveria jogar todo o seu peso com a burguesia, para assegurar a

revolução burguesa, que subseqüentemente ofereceria as condições para a chegada do proletariado ao poder, Lassalle afastava a classe trabalhadora de qualquer forma de colaboração com os liberais. Dessa maneira, ele fomentou uma espécie de separação entre teoria e prática, o que era abominável para Marx. Lassalle também lançava, desse modo, as primeiras sementes do debate entre “evolução” e “revolução” que mais tarde, realmente, se tornou o *caput mortuum* do Partido Social-Democrata como agente de mudança social radical.

Lassalle morreu no mesmo ano em que Weber nasceu. Nesse período, o futuro da Alemanha já estava estabelecido. A separação do movimento operário em relação aos liberais, em conjunção com outros fatores, montaram a cena para a unificação da Alemanha de Bismarck, em que, como afirmou Bismarck, “a Alemanha não olhou para o liberalismo da Prússia, mas para o seu poder”. Em 1875, quando os principais defensores de Marx na Alemanha — Liebknecht e Bebel — aceitaram a unidade com a ala de Lassalle do movimento dos trabalhadores, a Alemanha era, tanto em termos econômicos como em termos políticos, uma nação muito diferente daquela sobre a qual Marx originariamente escreveu, nos anos 1840. A integração política tinha se completado, não pela ascensão da burguesia revolucionária mas, em larga medida, como o resultado da *Realpolitik* fundada essencialmente sobre o uso audacioso do poder político “de cima para baixo”, que vinha acontecendo dentro de um sistema social que mantinha, em grande parte, sua estrutura tradicional.

As fases difíceis da integração política em seu início e a “partida” para a industrialização foram realizadas na Alemanha de um modo muito diferente dos processos típicos de desenvolvimento na Inglaterra — e, em *O capital*, Marx aceitava que esse último país oferecia a estrutura básica para a teoria do desenvolvimento capitalista. Na Alemanha, a centralização política e o rápido avanço econômico tiveram lugar sem a formação de uma sociedade burguesa plenamente liberalizada. Assim, nem os marxistas do Partido Social-Democrata — mesmo antes da morte de Marx, em 1883 — nem os liberais alemães possuíam um modelo histórico adequado a partir do qual pudessem compreender as peculiaridades de sua própria posição dentro da estrutura social alemã. Os social-democratas se mantinham tenazmente fiéis a um catecismo revolucionário que se tornou cada vez mais irrelevante para a estrutura econômica e social real de um

Estado alemão industrializado. Entretanto, eventualmente, forçava-se a explicitação da tensão interna inerente ao Partido Social-Democrata, entre as visões marxianas da transcendência revolucionária do capitalismo e a ênfase de Lassalle na apropriação do Estado capitalista *a partir de dentro*, pela conquista do voto verdadeiramente universal. *Socialismo evolucionário*, de Bernstein (1899),¹⁶ apesar de ele próprio se basear parcialmente no modelo britânico, oferecia uma interpretação teórica coerente das forças sociais que estavam dirigindo o Partido Social-Democrata para a aceitação de uma suposta aquisição do poder a partir de dentro da ordem existente. *Socialismo evolucionário* manifestava a concepção de que a relação entre o desenvolvimento econômico e político do capitalismo não poderia ser adequadamente compreendida nos termos das teses centrais de *O capital*: a formação progressiva da sociedade de duas classes, a “pauperização” da grande maioria e o colapso iminente do capitalismo em uma crise catastrófica “final”. Essas últimas concepções sobreviveram como ortodoxia social-democrata em face do desafio de Bernstein; mas elas assumiram cada vez mais uma forma determinista. O que, para Marx, constituía características tendenciais passou a ser visto, então, pelos seus seguidores, como inevitabilidades mecanicamente dadas. Essa perspectiva permitiu a preservação da fraseologia revolucionária sem exigir concomitantemente um ativismo revolucionário; se o capitalismo estava necessariamente condenado, parecia que tudo o que era necessário fazer era ficar de prontidão até que a desintegração final da economia capitalista ocorresse.

A atitude de Weber diante de Marx e do marxismo

Os liberais alemães enfrentavam dilemas comparáveis. O liberalismo também tinha suas raízes em um período anterior e nas formas de sociedade consideravelmente diversas das da Alemanha imperial. Enquanto mantinham uma adesão aos valores liberais da liberdade individual e da participação política, os liberais estavam fortemente comprometidos por sua adaptação forçada — e subordinação — à ordem burocrática dominante. Os escritos políticos do próprio Weber e seus envolvimentos manifestavam constantemente sua consciência desse fato.

A apreciação de Weber do significado do poder político, particularmente tal como foi exercido por Bismarck na promoção bem-sucedida da consolidação interna e do desenvolvimento econômico da Alemanha (e, mais especificamente, seu uso da burocracia para conseguirlo), é uma dimensão-chave para a sua abordagem da política e para a sua sociologia de modo mais geral.¹⁷ O compromisso de Weber com o nacionalismo e sua ênfase ao longo da vida na primazia do Estado alemão também devem ser entendidos nesses termos.¹⁸ Essa determinação em reconhecer as realidades do uso do poder político, entretanto, foi contrabalçada nos escritos de Weber por uma adesão igualmente resoluta aos valores do liberalismo europeu clássico. O patos da reflexão de Weber, graças à qual se viu compelido a reconhecer uma divergência crescente entre as linhas centrais do desenvolvimento nas sociedades modernas e os valores que ele próprio reconheceu como representantes do *ethos* que distingue a cultura ocidental, era uma expressão — embora sob uma forma extremamente sutil e racionalizada — dos dilemas peculiares do liberalismo alemão como um todo.

A atitude de Weber em relação ao Partido Social-Democrata

O famoso discurso inaugural de Weber de Freiburg, em 1895, delineou sua interpretação das esperanças do liberalismo alemão em face do conservadorismo romântico por um lado, e do partido marxista, por outro.¹⁹ Weber se dissociava especificamente da defesa “mística” do Estado alemão,²⁰ mas também expressava a preocupação de que a classe trabalhadora era politicamente incapaz de conduzir a nação. Enquanto expressava concordância com alguns elementos que constituíam parte do programa dos social-democratas, inclusive com o fato de que a classe trabalhadora deveria gozar de direitos plenos de representação política, Weber argumentava que a classe trabalhadora “é politicamente imatura”. De acordo com ele, muito do fervor revolucionário dos líderes do movimento da classe trabalhadora era fortemente divergente da tendência real de desenvolvimento do Partido Social-Democrata — que, como percebeu desde cedo, dirigiria-se para a acomodação ao Estado alemão predominante em vez de oferecer uma alternativa revolucionária

realista. Tal como Weber expressou, o Estado alemão conquistaria o Partido Social-Democrata e não o contrário.²¹

Weber era desdenhoso em relação às reivindicações contínuas de poder dos *Junker*, embora fosse forçado a reconhecer que, na prática, sua influência no corpo de oficiais e, em menor grau, na burocracia governamental ainda era considerável. Os *Junker* eram, entretanto, aos olhos de Weber, obviamente uma classe em declínio. A principal fonte de esperança, assim, para um Estado alemão que deveria manter sua integridade nacional, mas atingir um índice de democracia compatível com uma sociedade industrializada, estava no fortalecimento da burguesia liberal como grupo capaz de oferecer liderança nacional. Weber chegou a enfatizar de modo crescente que isso significava desenvolver um sistema governamental que conferiria ao parlamento poder político real. O resultado da dominação de Bismarck, acreditava, deixara a Alemanha sem liderança política efetiva que pudesse ter controle sobre a máquina burocrática do governo e ameaçava a Alemanha com “uma dominação burocrática sem controle”.²² Sua atitude em relação à possibilidade do socialismo na Alemanha era, em grande medida, uma extensão lógica de sua posição. Se um governo socialista e uma economia planejada²³ se efetivassem, o resultado seria uma repressão burocrática ainda maior. Além de não haver contrapeso para a disseminação da burocracia na esfera política, isso seria inevitavelmente verdadeiro também em relação à esfera econômica. “Seria o socialismo”, escreveu Weber, “mas ou menos da mesma maneira que o ‘Novo Reino’ do Egito antigo era socialista.”²⁴

As concepções de Weber sobre o Partido Social-Democrata permaneceram de modo razoavelmente consistente ao longo de sua vida; sua avaliação da própria posição política em relação às políticas do partido, entretanto, se transformaram em conjunto com a natureza mutável da estrutura social e política alemã. Desse modo, próximo do fim da vida, tendo testemunhado a ocorrência de que, previamente antevira — a crescente integração do Partido Social-Democrata na ordem parlamentar existente —, declarou, em 1918, que estava tão próximo do Partido Social-Democrata que acharia difícil distingui-lo dele.²⁵ Mas sua concepção consistente do “marxismo” na forma do Partido Social-Democrata na Alemanha era que seus objetivos explícitos — o assalto revolucionário do Estado

e a instituição de uma sociedade sem classes — eram inteiramente divergentes do papel real que ele estava destinado a desempenhar na política alemã.

As concepções de Weber sobre as contribuições acadêmicas dos autores marxistas

A posição de Weber em relação às noções teóricas que muitos defensores e “intérpretes” do marxismo expuseram não pode ser simplesmente deduzida de sua relação com o Partido Social-Democrata, já que esta era, em alguma medida, determinada por sua apreciação das realidades políticas da situação alemã. Weber reconheceu que alguns dos principais teóricos marxistas tiveram contribuições distintas e por vezes brilhantes para a história, a economia e a jurisprudência; e ele manteve contatos acadêmicos estreitos com alguns estudiosos e fortemente influenciados por Marx.²⁶ É importante reconhecer que grande parte dos escritos de Weber sobre capitalismo e religião foram elaborados no contexto do aparecimento de uma avalanche de trabalhos intelectuais que reclamavam ancestralidade marxiana, mas muitos deles utilizavam também o que Weber via como vulgarização das ideias de Marx, ou se afastavam consideravelmente do que ele considerava ser as principais posições do materialismo histórico de Marx.²⁷

Embora Weber tenha mencionado uma vez que *A ética protestante e o espírito do capitalismo* oferecia “uma refutação empírica do materialismo histórico”, o ensaio teve, de fato, uma genealogia complexa. Weber se interessou pela religião como fenômeno social desde o início da juventude.²⁸ Se seus estudos sobre o direito e a história econômica o afastaram, por um certo período, do interesse contínuo pelos escritos acadêmicos, *A ética protestante* é claramente uma expressão de preocupações que sempre estiveram presentes na mente de Weber. Indubitavelmente ele escreveu o ensaio, de alguma forma, como uma polémica consciente contra a concepção “unilateral” de religião tal como retratada pelo materialismo histórico. Mas o “materialismo histórico”, aqui, referia-se parcialmente aos escritos de Kauski e de outros.²⁹ Mais ainda, foi provavelmente a associação entre Weber e Sombart o que constituiu a fonte mais direta de estí-

mulo à sua tentativa de análise do papel do protestantismo ascético na ascensão do capitalismo.³⁰

Weber era simpático às ideias de alguns dos “revisionistas” marxistas proeminentes, embora ele os encarasse como ainda presos, apesar de suas divergências com Marx, a uma teoria metafísica da história que era simplesmente um ônus para sua percepção acurada da realidade socioeconômica. Em geral, ele aceitava, em conjunto com Bernstein e outros, que o capitalismo moderno não estava marcado por uma diferenciação progressiva entre uma minoria crescentemente rica e uma massa “pauperizada”; que a classe média de colarinho branco não desenvolveu uma identidade de consciência de classe em relação à classe de trabalhadores manuais; e que não havia qualquer sinal de uma ruína cataclísmica iminente do capitalismo.³¹ Difícilmente poder-se-ia afirmar, entretanto, que Weber extrairse suas concepções de qualquer dos “revisionistas” marxistas: em seu próprio raciocínio, Weber tinha certeza de que o modo de produção capitalista não estava se conduzindo em direção à luta de classes aberta e irrisível entre capital e trabalho. Suas próprias referências à estratificação na sociedade moderna mostram que ele reconhecia a existência de múltiplas divisões de interesse e de status que tendiam a obscurecer as divisões marxistas de classe. Assim, afirmava que, por exemplo, a classe trabalhadora manual, longe de ter se tornado um grupo homogêneo não qualificado, era atravessada por diferenças de nível de qualificação que criavam divisões de interesse de classe dentro da classe trabalhadora como um todo.³²

A relação de Weber com os principais pensadores marxistas de seu tempo era, assim, uma relação complexa; e o era necessariamente, em virtude da variedade de posições diversas assumidas por aqueles que se diziam seguidores de Marx.

As concepções de Weber sobre Marx

Weber, obviamente, considerava que Marx tinha feito contribuições fundamentais à análise histórica e sociológica. Mas, para Weber, as teorias de Marx deveriam ser vistas apenas como fontes de intuição, ou no máximo como conceitos típico-ideais, que poderiam ser aplicados para iluminar, em particular, seqüências específicas do

desenvolvimento histórico. A posição neokantiana radical que Weber adotou a partir de Rickert e Windelband³³ efetivamente excluiu qualquer outra possibilidade: na concepção de Weber, a atribuição de Marx de uma "direção" global ao movimento da história era tão ilegítima quanto a filosofia hegeliana da história que tinha contribuído para o seu nascimento.³⁴ Se Weber admitia, com fortes reservas, o uso de "etapas de desenvolvimento" como um "meio heurístico" que poderia facilitar a interpretação explanatória dos materiais históricos, rejeitava inteiramente a construção de esquemas deterministas baseados sobre qualquer espécie de teoria geral do desenvolvimento histórico.³⁵

O corolário necessário dessa idéia era a rejeição do materialismo de Marx como chave para a explanação da mudança histórica. A tese de que esses fatores econômicos em algum sentido explicavam de modo "final" o curso da história, afirmava Weber, era simplesmente falsa como um teorema científico.³⁶ Ele reconhecia que os escritos de Marx variavam segundo o grau de sofisticação com o qual se apresentava a concepção materialista da história — o *Manifesto comunista*, por exemplo, estabeleceu as concepções de Marx "com os elementos crus do gênio em sua forma precoce".³⁷ Mas, mesmo em sua formulação acabada em *O capital*, Marx em nenhum lugar teria definido precisamente como o "econômico" é delimitado em relação às outras esferas da sociedade. A distinção de Weber entre os fenômenos "econômicos", "economicamente relevantes" e "economicamente condicionados" visava ao esclarecimento desse problema. Definiu a ação econômica como ação que, por meios pacíficos, buscava adquirir o controle das utilidades desejadas.³⁸ Havia, entretanto, muitas formas de ação humana — tal como as práticas religiosas — que, apesar de não serem econômicas de acordo com a sua definição, tinham relevância para o fenômeno econômico na medida em que influenciavam as necessidades ou propensões que os indivíduos possuíam para adquirir ou fazer uso de utilidades. Essas eram formas economicamente relevantes de ação. Os fenômenos que fossem economicamente relevantes poderiam, por sua vez, ser separados daqueles que fossem economicamente condicionados: esses seriam ações que, apesar de igualmente não "econômicas", de acordo com a definição de Weber, eram causalmente influenciadas por fatores econômicos. Como ele salientou: "Depois do que tem

sido dito, é auto-evidente que: em primeiro lugar, as fronteiras do fenômeno 'econômico' são vagas e não definíveis com facilidade; em segundo lugar, o aspecto 'econômico' de um fenômeno pode não ser apenas 'economicamente condicionado' ou apenas 'economicamente relevante'.³⁹ Nesses termos, o calvinismo era tanto economicamente condicionado quanto economicamente relevante em relação à formação precoce do capitalismo racional na Europa ocidental.

Ele também apontou outra fonte de ambiguidade conceptual na interpretação "econômica" da história de Marx: este teria falhado em distinguir, de modo claramente formulado, entre o "econômico" e o "tecnológico". Onde quer que Marx se inclinasse a um determinado tecnológico mais ou menos direto, sustentava Weber, seu argumento era inadequado. A famosa afirmação de Marx segundo a qual "os instrumentos manuais nos deram o feudalismo e a máquina a vapor, o capitalismo"⁴⁰ era, de acordo com Weber, "uma proposição tecnológica e não econômica, e pode-se claramente provar que é simplesmente uma falsa afirmação. Porque a era dos instrumentos manuais, que durou até o limiar do período moderno, mostrou as mais variadas espécies de 'superestruturas' culturais por toda a parte".⁴¹ Uma dada forma de tecnologia pode estar associada com tipos variados de organização social, e vice-versa; isso pode ser visto exatamente no fato de que o socialismo, tal como Marx esperava que se desenvolvesse — apesar de ser um sistema social e econômico diferente do capitalismo —, estava incorporando essencialmente a mesma base tecnológica do capitalismo.

A influência positiva dos escritos de Marx sobre Weber é mais evidente na insistência de Weber de que valores e idéias, na medida em que definitivamente não são "derivações" dos interesses materiais, têm sempre, apesar desse fato, que ser analisados na relação com tais interesses. Weber, obviamente, reconhecia a importância de tais de classe na história, conquanto negasse que sua predominância ou significação fosse tão grande quanto postulava Marx. Para Weber, conflitos entre grupos de *status* de vários tipos e entre associações políticas — inclusive Estados-Nação — eram, no mínimo, igualmente importantes no desenvolvimento histórico das grandes civilizações. A concepção de "interesse" de grupo, entretanto, não pode ser limitada a interesses econômicos, mas tem que ser estendida às outras esferas da vida social:

partidos políticos, por exemplo, têm interesses que derivam de sua situação como aspirantes ou detentores do poder, e que não se assemelham necessariamente, em sentido direto, em interesses econômicos compartilhados.⁴²

Houve debates consideráveis sobre até que ponto os trabalhos metodológicos de Weber,⁴³ escritos relativamente cedo em sua carreira, estão de acordo com o conteúdo substantivo de seus últimos escritos, particularmente *Economia e sociedade*. O que é certo, entretanto, é que Weber nunca abandonou sua posição básica sobre a separação lógica total entre fato e valor, nem a asserção correlata da irreduzibilidade de valores em competição. Foi essa posição epistemológica, reconhecia Weber, que mais decisivamente o separou de Marx. O trabalho de Marx envolvia uma "ética de fins últimos" e, desse modo, comprometia quem a aceitasse em uma concepção "total" da história. Para Weber, a ciência não podia responder à pergunta: "A qual dos deuses em luta devemos servir?"⁴⁴

Weber e Marx: o problema analítico

A crítica de Weber a Marx era sofisticada; não era simplesmente uma análise abstrata da "lógica" das teorias de Marx, mas incorporava a substância mesma dos estudos de Weber sobre a história e a sociedade. Esse fato, entretanto, significa que as próprias avaliações explícitas de Weber sobre as concepções de Marx não podem ser vistas como a única fonte de evidência sobre o tema. As próprias observações de Weber sobre *A ética protestante*, por exemplo, não eram inteiramente desprovidas de ambiguidade, o que se revela na confusão a respeito dos objetivos da obra na ampla literatura que circunda o assunto desde a primeira publicação do ensaio de Weber.⁴⁵ Além disso, obviamente, a avaliação das diferenças entre Marx e Weber depende de uma avaliação acurada das concepções características do primeiro autor. Para esclarecer a substância da posição teórica básica de Marx, é necessário tocar brevemente em alguns temas dos escritos de Marx que, graças ao enorme corpo de trabalhos secundários escritos sobre ele desde a Segunda Guerra Mundial, tornaram-se atualmente muito familiares.

Muito da literatura do pós-guerra sobre Marx se centrou nos escritos do "jovem Marx", isto é, de antes da conclusão de *A ideologia alemã* (1846). O debate a respeito da relevância desses escritos preocupados para os trabalhos do Marx da maturidade foi inconclusivo; mas não se pode duvidar que, em primeiro lugar, há, por fim, traços definitivos de continuidade que percorrem a totalidade do trabalho de Marx; e que, em segundo lugar, alguns dos primeiros trabalhos permitem-nos esclarecer o que são essas continuidades.⁴⁶ Marx nunca escreveu uma exposição sistemática do seu "materialismo". Além disso, seus primeiros escritos tornam claro que sua concepção da abordagem materialista da história é muito diferente do que ele denominava "materialismo perceptivo".⁴⁷ Marx, em conjunto com outros "Jovens Hegelianos", começou seu desenvolvimento intelectual a partir da perspectiva da crítica da religião, derivada da radicalização de Hegel e largamente baseada no pensamento de David Strauss e Feuerbach. A filosofia de Feuerbach se assentava sobre uma reversão da maior premissa do sistema hegeliano. Em substituição ao idealismo hegeliano, Feuerbach elaborou sua própria versão do materialismo, afirmando abruptamente que o ponto de partida para o estudo do "homem" tinha que ser o "homem real" vivendo em um "mundo material real".⁴⁸ Os escritos de Feuerbach permaneceram confinados principalmente ao exame da religião: por "colocar Hegel a seus pés",⁴⁹ tentou demonstrar que o divino era um produto ilusório do real. Deus era uma projeção idealizada da própria humanidade. Deus era uma projeção mítica dos mais caros valores da humanidade, humanidade alienada de sua própria autoperfeição (potencial).

A consequência da visão de Feuerbach foi a de que a religião era uma "representação" simbólica das aspirações humanas, e, para eliminar a auto-alienação humana, tudo o que devia ser feito era desmistificar a religião e colocá-la em um nível racional. Marx rapidamente percebeu os erros fundamentais dessa noção. Os erros de Feuerbach eram, em primeiro lugar, falar do "homem" em abstrato e, em seguida, deixar de perceber que as pessoas existem apenas dentro de um contexto de sociedades particulares que mudam sua estrutura no curso do desenvolvimento histórico; e, em segundo lugar, tratar idéias ou "consciência" simplesmente como "consequência" das atividades humanas no mundo "material". Nas palavras de Marx: "A principal falha de todo materialismo prévio (inclusive o de Feuerbach)

é que o objeto, realmente, a sensação, é concebido sob a forma de *objeto da percepção*, mas não como *atividade humana sensível, prática, não subjetivamente*.⁵⁰

Marx se referia ao seu materialismo somente como um “fio condutor” de seus estudos: as ideologias estavam “enraizadas nas condições materiais da vida”, mas isso não tinha como consequência que houvesse uma relação universal ou unilateral entre o “fundamento real” da sociedade (as relações de produção) e as “superestruturas jurídicas e políticas”.⁵¹ Ao contrário, a conclusão específica a que Marx chegou criticando Feuerbach foi a de que as idéias são produtos sociais, que poderiam ser explicadas não pelo filósofo que permaneceu fora da história, mas somente pela análise das formas particulares de sociedade.⁵² Temos que rejeitar, insiste Marx, qualquer forma de “receita ou esquema ... para definir as épocas da história”, e temos que “começar pela observação e organização — a descrição real — do nosso material histórico”.⁵³

Onde quer que Marx generalizasse a respeito da relação entre ideologia e “subestrutura” material, ele o fazia nos termos da análise das relações de classe como mediação principal entre as duas. A estrutura de classes da sociedade exercia um determinado efeito em relação ao qual as idéias *adquiriam proeminência* naquela sociedade. Esse era o sentido da proposição de Marx de que as idéias de uma época seriam as idéias da classe dominante.⁵⁴ Dever-se-ia apontar que, mesmo na reoria de Feuerbach, a religião era algo mais do que meramente um reflexo acabado da realidade material: ela também oferecia valores e ideais pelos quais as pessoas deviam se empenhar. Deus era a humanidade tal como ela teria que ser, e assim a imagem da divindade permaneceria como esperança do que a humanidade poderia se tornar. Marx tomou de empréstimo essa noção de Feuerbach, mas a revertiu de uma concepção dialética de que seria a interação recíproca dessas idéias religiosas com as ações sociais dos “homens da terra” que tinha que ser examinada. Essa reciprocidade deveria ser compreendida nos termos da análise do desenvolvimento histórico das sociedades; não podemos entender a relação entre ideologia e sociedade se a “abstrairmos dos processos históricos”.⁵⁵ Assim, Marx reconhecia tanto que as ideologias deveriam ter um desenvolvimento “interno” parcialmente autônomo quanto o fato de que o grau em que isso poderia ocorrer dependia de fatores particulares a

sociedades específicas que, caso a caso, deveriam ser estudadas empiricamente em detalhe. Isso era consistente em relação à sua concepção geral de materialismo, ao mesmo tempo que se evidenciava em seus estudos mais detalhados.⁵⁶ Em outras palavras, a posição de Marx não é incompatível com o reconhecimento das características únicas e da influência do protestantismo ascético na Europa.

Tudo isso é bastante conhecido; o que não foi reconhecido de modo tão geral é que mesmo no que se refere aos detalhes, a discussão de Marx do curso do desenvolvimento histórico na Europa é, por vários caminhos, extremamente próxima da análise de Weber; esse é um fato que só se torna completamente aparente com a publicação das notas de rascunho (*Grundrisse*) que Marx escreveu para *O capital*, em 1857-1858. Marx admitiu a importância das primeiras formas de capitalismo que se desenvolveram em Roma, e sua explicação para a razão de essas formas terem caminhado para um “ponto morto” é muito similar ao que subsequentemente Weber estabeleceu.⁵⁷ Marx ressaltou que algumas das condições — inclusive a existência de uma classe capitalista nascente — que desempenharam papel essencial no desenvolvimento do capitalismo na Europa ocidental em um período posterior já estavam presentes em Roma. Entre os fatos que particularizou como significativos na inibição da emergência de um capitalismo de larga escala em Roma estava o fato de haver uma forte pressão ideológica contra a acumulação de riqueza em proveito próprio: “A riqueza não aparecia como o elemento central da produção ... A indagação é sempre sobre que tipo de propriedade cria os melhores cidadãos. A riqueza como um fim em si aparece somente entre uns poucos comerciantes”.⁵⁸ A riqueza não era avallada intrinsecamente, mas pelo “gozo privado” que poderia proporcionar; além disso, o trabalho em geral era desprezado e desprovido de valor para os homens livres.

Marx reconheceu que existiram numerosas formas anteriores de capitalismo antes da emergência da sociedade burguesa na Europa pós-medieval. Assim, o capital mercantil freqüentemente podia ser encontrado — tal como em Roma — em sociedades nas quais o modo dominante de produção não era capitalista. As operações mercantis eram comumente realizadas por grupos marginais, como os judeus. O capital mercantil existiu “nas mais diversas formas de sociedade, nas mais diversas fases de desenvolvimento das forças produtivas”⁵⁹

Houve casos de sociedades, além de Roma, onde certos segmentos da estrutura social estiveram altamente envolvidos, mas onde a falta de desenvolvimento de outros setores limitou um nível superior de avanço econômico. Marx citou o exemplo do Peru antigo, que em alguns aspectos teve uma economia desenvolvida, mas que se conservou em um baixo nível de desenvolvimento pelo isolamento geográfico da sociedade e pela falta de um sistema monetário.⁶⁰

As concepções de Marx sobre a emergência e significado do cristianismo no desenvolvimento das sociedades europeias têm que ser inferidas a partir de várias afirmações obliquas em suas críticas a Hegel e aos "Jovens Hegelianos". Como estudioso de Hegel, Marx estava obviamente atento à importância que os historiadores e filósofos atribuíam ao cristianismo no Ocidente. Marx não questionou sua validade. O que ele atacou foi a perspectiva idealista no interior da qual a influência do cristianismo foi analisada. Desse modo, opôs-se ao tratamento de Stirner sobre a ascensão do cristianismo primitivo, que estaria inteiramente baseado no âmbito das idéias.⁶¹ O cristianismo ascendeu, afirmou Marx, como uma religião dos errantes, nômades desentraigados, e as causas de sua expansão têm que ser relacionadas à decadência do Império Romano: "O mundo helênico e romano perecia, espiritualmente no cristianismo e materialmente na migração dos povos".⁶² A concepção ética cristã construiu uma nova e vigorosa corrente moral, em contraste com a decadência moral de Roma. O cristianismo substituiu o panteísmo romano pela concepção de um Deus único e universal, cuja autoridade estava fundada unicamente sobre as noções cristãs de pecado e salvação. Na evolução posterior do cristianismo na Europa, a Reforma ofereceu uma regeneração moral similar em relação a uma sociedade feudal em desintegração interna. "Lutero ... superou a servidão pela devoção, substituindo-a por uma servidão pela convicção. Ele estilhou a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé... Libertou o homem da religiosidade exterior porque introduziu a religiosidade no interior do homem".⁶³

Supor que Marx desconhecia o caráter "ascético" e "racional" do capitalismo europeu moderno é desconsiderar algumas das premissas mais básicas sobre as quais se fundavam suas análises e sua crítica da sociedade burguesa. O caráter "racionalizador" do capitalismo manifestava-se mais diretamente, para Marx, na dominação

absoluta do dinheiro nas relações sociais humanas e na busca do dinheiro como um fim em si. O dinheiro era um símbolo da alienação humana no capitalismo, na medida em que reduzia todas as qualidades humanas a valores quantitativos de troca.⁶⁴ Assim, o capitalismo tinha um caráter "universalizante" que anulava as particularidades das culturas tradicionais: "O capital se desenvolve irresistivelmente para além das barreiras e preconceitos nacionais ... ele destrói a auto-satisfação restrita a limites estreitos e fundada sobre o modo tradicional de vida e de reprodução".⁶⁵ O capitalismo era ascético no fato de que as ações dos capitalistas se baseavam em auto-renúncia e em um reinvestimento contínuo dos lucros. Isso ficava claro, disse Marx, a partir da teoria da economia política: "A economia política, a ciência da riqueza, é, assim, ao mesmo tempo, a ciência da renúncia, da privação e da poupança ... Seu verdadeiro ideal é o avaro agiota ascético e o escravo ascético mas produtivo".⁶⁶ Perseguir a riqueza em proveito próprio era um fenômeno que, como um *ethos* moral de caráter geral, se encontrava apenas no capitalismo moderno. Marx foi tão específico em relação a essa questão quanto Weber: "A paixão pela riqueza como tal é um desenvolvimento característico; isto é, é algo mais do que a sede instintiva por bens particulares tais como roupas, armas, jóias, mulheres, vinho ... O gosto pelas posses pode existir sem dinheiro; a sede pelo auto-enriquecimento é o produto de um desenvolvimento social definido, não é natural, mas histórico".⁶⁷

O ponto a ser sublinhado, entretanto, é que em termos amplos a concepção de Marx e o tratamento empírico do papel da ideologia na sociedade é bastante compatível com os estudos mais detalhados sobre a sociologia da religião realizados por Weber. Marx não estruturou religião detalhadamente porque, rompendo com os "Jovens Hegelianos" e com Feuerbach, e percebendo a necessidade de começar a analisar sociologicamente as relações entre economia, política e ideologia, ele efetivamente superou — nos termos dos seus próprios objetivos — a necessidade de sujeitar a religião a uma análise detalhada. Os "Jovens Hegelianos", tal como Marx esclareceu em *A sagrada família*, continuaram a devotar grande parte dos seus esforços à crítica da religião e, desse modo, permaneceram sempre presos dentro de uma visão de mundo que era, mesmo se apenas negativamente, religiosa.⁶⁸

Enfatizar a congruência teórica geral de muito do que Marx e Weber escreveram sobre a história e as origens do capitalismo obviamente não é afirmar que suas concepções eram inteiramente idênticas, no que se refere a problemas particulares assim como a questões mais gerais de teoria política e social. É evidente que Marx, apesar de desaprovar “o *passé-partout* de uma teoria histórico-filosófica geral cuja qualidade principal fosse a de ser supra-histórica”,⁶⁹ procurou impor um padrão ao desenvolvimento histórico que Weber tratou como quase proibitivo. O conceito de carisma e o papel fundamental que ele desempenha na sociologia de Weber expressam a convicção de Weber de que a história humana não é (tal como Marx acreditava ser) racional. A atribuição de uma racionalidade passível de ser descoberta na história era um elemento essencial no conjunto do pensamento de Marx e era o vínculo principal pelo qual ele permaneceu ligado a Hegel para sempre. Mas o carisma era explicitamente irracional; assim, a dinâmica revolucionária na história, que para Weber se constituía pela emergência periódica dos movimentos carismáticos, não poderia ser conectada a nenhum padrão racional global no desenvolvimento histórico da humanidade. Além disso, sublinhando a importância da classe, e desse modo dos interesses econômicos no desenvolvimento social, Marx tendia a assimilar o poder econômico e político muito mais do que Weber.⁷⁰ Definitivamente, essa é uma diferença de significação fundamental entre os dois autores. Entretanto, a divergência não precisa ser exacerbada aqui.⁷¹ Marx antecipou Weber, por exemplo, reconhecendo o paralelo entre a organização dos exércitos profissionais e a separação dos trabalhadores do seu produto no capitalismo moderno. Dessa maneira, Marx observou: “Em Roma existia no exército uma massa já bastante distinta do restante das pessoas, disciplinada para o trabalho ... ela vendeu para o Estado o conjunto dos seus tempos de trabalho por salários ... assim como o trabalhador faz em relação ao capitalista.”⁷²

Conclusão

Meu objetivo aqui foi o de distinguir os elementos básicos na relação entre os escritos de Marx e Weber. Tentei esclarecer que a tendência a assimilá-los em conjunto como constituindo uma “crítica

a Marx” generalizada conduziu vários comentaristas a simplificar exageradamente o julgamento de Weber sobre o materialismo histórico. Tornou-se algo próximo de um truismo dizer que os “fundadores” da sociologia moderna — Weber, Pareto e Mosca particularmente — desenvolveram suas teorias, em parte ao menos, como “refutações” de Marx. Cada um desses autores foi, ao mesmo tempo, denominado de “o Marx burguês”. Esse título, entretanto, é inepto no sentido de que tem como implicação o fato de seu trabalho representar apenas uma resposta burguesa ao marxismo. Foi isso, mas também muito mais do que isso. Assim, a relação de Weber com Marx e com o pensamento marxista não pode ser taxada somente como “confirmação” ou “refutação”; os estudos históricos de Weber tanto desmontam alguns dos aspectos das mais toscas interpretações marxistas do desenvolvimento histórico, como, ao mesmo tempo, como tentei mostrar neste capítulo, resgataram Marx contra seus próprios discipulos confessos.

Weber escreveu numa época em que o caráter dos mais importantes países da Europa ocidental, e o da Alemanha especificamente, se transformaram consideravelmente em relação ao tempo em que Marx elaborou seus principais pontos de vista. Todas as sociedades economicamente desenvolvidas do Ocidente, na virada do século XX, alcançaram um alto grau de maturidade econômica sem experimentar a reorganização revolucionária que Marx esperava. No tempo de Weber, o pensamento de Marx tinha contínuidade, na Alemanha, através do Partido Social-Democrata. O “materialismo histórico” acabou por ser largamente identificado, aos olhos de Weber e de outros críticos liberais do marxismo, assim como pelos próprios marxistas, com a exposição de Engels no *Anti-Dühring* e, mais tarde, em *A dialética da natureza*.⁷³ Apesar de alguns comentaristas terem exagerado a diferença entre Marx e Engels, as implicações da posição que Engels assumiu nessas obras são definitivamente discordantes da concepção central da maior parte do que Marx escreveu. Transferindo a dialética para a natureza, Engels obscureceu o elemento mais essencial da obra de Marx, que era “a relação dialética entre sujeito e objeto no processo histórico”.⁷⁴ Ao fazê-lo, Engels ajudou a estimular a noção de que as idéias simplesmente “refletiam” a realidade material.⁷⁵ O silêncio político do Partido Social-Democrata — que Weber percebeu

com acuidade por trás da fraseologia revolucionária — estava vinculado à adoção geral dessa perspectiva, que possibilitou a preservação de uma postura revolucionária em um conjunto de circunstâncias sociais que diferiam substancialmente do padrão de desenvolvimento antecipado por Marx. Volta-se assim, de certa forma, ao ponto de partida. Com o risco de simplificar em muito o que realmente é uma questão complicada, poder-se-ia afirmar que a crítica de Weber ao marxismo, no que se refere ao papel das idéias na história, de fato se aproxima de uma reafirmação, em muitos detalhes, de certos elementos da concepção marxiana original.

Isto caminhou lado a lado, ironicamente, com a rejeição de certos aspectos-chave da análise de Marx do capitalismo contemporâneo e de suas esperanças ulteriores na forma futura de uma sociedade radicalmente nova. Marx, que escreveu uma geração antes de Weber, acreditava que o capitalismo poderia ser e seria superado por uma nova forma de sociedade. Weber escreveu com a percepção de ter testemunhado a formação do capitalismo industrial na Alemanha em circunstâncias muito diferentes das da Inglaterra ou França. O reconhecimento desse fato por Weber foi um elemento, no interior de seu pensamento, que lhe permitiu, apesar de recorrer a Marx, escapar da camisa-de-força que os seguidores de Marx do Partido Social-Democrático buscaram impor à história, em nome do materialismo histórico.

Pode-se ainda sustentar que, na análise da tendência iminente do desenvolvimento do capitalismo, Weber foi vítima de uma espécie de determinismo materialista próprio. Weber percebeu uma grande irracionalidade no interior do capitalismo: a “racionalidade” formal da burocracia, apesar de ter tornado possível a implementação técnica das tarefas administrativas em larga escala, era “substancialmente” irracional pelo fato de transgredir alguns dos mais característicos valores da civilização ocidental. Mas ele não antevia nenhum caminho para romper essa irracionalidade: o futuro guardaria apenas a possibilidade crescente da imersão da autonomia humana e da individualidade na burocratização da vida moderna, que a tudo se estendia.

Notas

- 1 George Lichtheim, *Marxism, an Historical and Critical Study*, London, 1964, p.385.
- 2 Isso inclui a Crítica da filosofia do direito de Hegel; Manuscritos econômicos e filosóficos; o texto completo da *Ideologia alemã*; e outros pequenos artigos, cartas, fragmentos. Todos eles foram publicados pela primeira vez entre 1927 e 1932, em *Marx-Engels Gesamtausgabe* (doravante MEGA).
- 3 Marx, é claro, não usou esse termo, que se originou de Engels; mas tornou-se convencional usá-lo também como referência aos escritos de Marx sobre a interpretação do desenvolvimento histórico.
- 4 *A Contribution to the Critique of Political Economy*, Chicago, 1904.
- 5 *Ideen zur Philosophie der Kultur*, de David Koigen (Munich/Leipzig, 1910), foi uma das primeiras tentativas de sublinhar a importância do “jovem” Marx. Em comum com muitos autores que enfatizaram as divergências entre Marx e Engels, Koigen acentuou a significação do pensamento hegeliano sobre a totalidade do trabalho de Marx. Mas o trabalho mais influente nessa direção publicado antes de MEGA foi o de Georg Lukács, *Geschichte und Klassenbewusstsein*, Berlin, 1923. Neste artigo deverei me referir à edição francesa mais acessível: *Histoire et conscience de classe*, Paris, 1960. Lukács estava entre os primeiros que compreenderam a possibilidade de assimilar os estudos de Weber de uma perspectiva verdadeiramente marxista-dialética.
- 6 Neste capítulo seguirei a prática terminológica sugerida por Rubel, chamando as concepções que eu atribuo ao próprio Marx de “marxianas” e denominando “marxistas” as idéias adotadas pelos seguidores confessos de Marx. Também utilizarei “marxismo” em um sentido muito genérico para me referir ao último grupo.
- 7 Cf. Karl Lewith, Max Weber und Karl Marx, *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, v.LXVII, 1932, parte 1, p.58ss.
- 8 Veja-se, por exemplo, a discussão de Weber sobre a burocracia e o poder político em *Parliament and government in a reconstructed Germany*, republicado como um apêndice à edição em inglês de *Economy and Society*, New York, 1968, VIII, p.1.381-469.
- 9 O melhor estudo do desenvolvimento do Partido Social-Democrata disponível em inglês é Gunther Roth, *The Social Democrats in Imperial Germany*, New Jersey, 1963. Cf. também Werner Sombart, *Der proletarische Sozialismus*, Jena, 1974, 2ª, especialmente v.1, p.333ss., e VII, p.9-95. A discussão de Birbaum das visões de Marx e Weber sobre o ascenso do capitalismo é uma das mais incisivas análises que já foram feitas sobre essas questões. Mas Birbaum não separou as várias dimensões que o ataque de Weber ao “materialismo histó-

- rico" abarrou; conseqüentemente, ele tende a flutuar entre as conclusões de que o trabalho de Weber "torna explícito o que Marx deixou implícito" e de que Weber modificou consideravelmente a posição teórica de Marx refutando a noção de que "as ideias são simplesmente reflexos da posição social e não exercem efeitos independentes sobre o desenvolvimento histórico" (p.134). *Conflicting Interpretations of the Rise of Capitalism: Marx and Weber*, *British Journal of Sociology*, v.IV, 1953, p.125-41.
- 10 Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Right (1844), in T. B. Bottomore, *Karl Marx, Early Writings*, New York, 1964, p.57-9.
- 11 Cf. também as concepções de Engels, tal como foram estabelecidas no seu *Der Status quo in Deutschland*, *Werke*, 4, p.40-57.
- 12 O *Manifesto comunista* anuncia: "A revolução burguesa na Alemanha, será apenas o prelúdio da revolução proletária imediatamente subsequente".
- 13 Cf. o artigo de Marx no *Deutsche Brüsseler Zeitung*, de 18 de novembro de 1847; *Werke*, 4, p.351ss. Para uma análise mais extensa, ver Engels, *Germany: Revolution and Counterrevolution*, London, 1933.
- 14 Cf. Karl Demeter, *Die soziale Schichtung des deutschen Parlamentes seit 1848*, *Vertriebschrift für Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, v.XXXIX, p.1-29. Para as atitudes dos liberais em relação ao voto igualitário, cf. Walter Gagel, *Die Wahlrechtsfrage in der Geschichte der deutschen liberalen Parteien*, 1848. 1918, Düsseldorf, 1958.
- 15 Era particularmente significativo, na distinção do desenvolvimento do movimento operário na Alemanha em relação à Inglaterra, o fato de que na Alemanha, até relativamente tarde, a classe trabalhadora não tivesse o direito a voto.
- 16 Eduard Bernstein, *Evolutionary Socialism*, London, 1909 (2.ed., London, 1963).
- 17 Pode-se salientar aqui que as conseqüências da vitória alemã de 1870-1871 foram igualmente carregadas de significação para a perspectiva sociológica de Durkheim.
- 18 Cf. Wolfgang J. Mommsen, *Max Weber und die deutsche Politik: 1890-1920*, Tübingen, 1959, p.103ss.; cf. também Raymond Aron, *Max Weber und die Machtpolitik*, in *Max Weber und die Soziologie heute*, Tübingen, 1965.
- 19 *Der Nationalstaat und die Volkswirtschaftspolitik*, *Gesammelte politische Schriften*, Tübingen, 1958, p.1-25.
- 20 Cf. também a análise de Durkheim de Treitschke em *L'Allemagne au dessus de tout*, Paris, 1915.
- 21 Weber fez essa observação em um encontro do Verein für Sozialpolitik. Ver *Diskussionsreden auf den Tagungen des Vereins für Sozialpolitik*, in *Gesammelte Aufsätze zur Sociologie und Sozialpolitik*. Tübingen, 1924, p.394ss., e especialmente p.408-9.
- 22 *Parliament and Government in a Reconstructed Germany*, p.1453.

- 23 Weber opunha também numerosas objeções econômicas técnicas à operação de uma economia planejada, na forma pela qual muitos socialistas concebiam, naquela época, uma economia desse tipo. Cf. *Economy and Society*, v.1, p.65-8, 100-7.
- 24 *Parliament and Government in a Reconstructed Germany*, p.1453. Para as concepções de Weber sobre a Rússia, cf. *Russlands Übergang zur Scheindemokratie*, in *Gesammelte politische Schriften*, p.192-210.
- 25 Cf. *Das neue Deutschland*, *Gesammelte politische Schriften*, p.472-5.
- 26 É o caso de Sombart. Ver, por exemplo, seu *Der moderne Kapitalismus*, particularmente o v.1; Sombart, é claro, mesmo previamente em sua carreira, estava longe de ser um "marxista" ortodoxo. Sobre o relacionamento entre Sombart, Marx e Weber cf. *Capitalism in recent German Literature: Sombart and Weber*, *The Journal of Political Economy*, v.LXXXVI, 1928, p.641-61; e v.LXXXVII, 1929, p.31-51.
- 27 Cf. a discussão de Weber sobre o livro de Stammler sobre o materialismo histórico e o direito; R. Stammlers *Überwindung der materialistischen Geschichtsauffassung*, in *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, Tübingen, 1951, p.291-359.
- 28 Cf. a carta de Weber para sua mãe de 8 de julho de 1884, em *Jugendbriefe*, Tübingen, s.d., p.121-2. Vale a pena notar que Weber em tenra idade ficou impressionado pela leitura de *Das Leben Jesu* de David Strauss; o mesmo trabalho desempenhou papel proeminente no desenvolvimento da concepção de Marx como membro dos "Jovens Hegelianos".
- 29 Ver Karl Kautski, *Karl Marx ökonomische Lehren*, Stuttgart, 1887; e, em seguida, o seu *Der Ursprung des Christentums*, Stuttgart, 1908.
- 30 Cf. *The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism*, New York, 1958, especialmente p.194-8. Para uma consideração sobre as concepções de Weber a respeito da religião, ver Paul Honigshcim, *Max Weber: his Religious and Ethical Background and Development*, *Church History*, v.XIX, 1950.
- 31 Cf. Weber: *Der Sozialismus*, in *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*, p.504ss.
- 32 Cf. o esboço de Weber em *Erwerbsklassen*, in *Economy and Society*, v.1, p.304.
- 33 Apesar de estar estabelecida com maiores detalhes em seus ensaios mais técnicos sobre o método, a posição epistemológica básica de Weber está formulada de modo conciso e brilhante em *Science as a Vocation*, in H. H. Gerth, C. Wright Mills, *From Max Weber: Essays in Sociology*, New York, 1958, p.129-56.
- 34 Ver as observações de Weber sobre os conceitos de Marx em "Objectivity" in *Social Science and Social Policy*, in *The Methodology of the Social Sciences*, Glencoe, Ill., 1949, p.103 e *passim*.
- 35 Weber discutiu a noção de "fases" de evolução com algum detalhe em relação ao problema que também preocupava Marx, e mais particularmente En-

gels: a questão do desenvolvimento da sociedade tribal germânica em relação ao declínio de Roma e a organização do feudalismo medieval. Cf. Weber, *Der Streit um den Charakter der algermanischen Sozialverfassung in der deutschen Literatur des letzten Jahrzehnts*, in *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, Tübingen, 1924, p.508-56.

36 A frase foi extraída da contribuição de Weber para um encontro da Associação Alemã de Sociologia, relatada em *Geschäftsbericht und Diskussionsreden auf den deutschen soziologischen Tagungen*, in *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Sozialpolitik*, p.456.

37 "Objectivity" in *Social Science and Social Policy*, p.68. Weber, apesar disso, mencionava o *Manifesto comunista* como "um feito científico de primeira linha" em *Der Sozialismus*, p.504-5.

38 *Economy and Society*, v.1, p.63. Para as formulações anteriores de Weber do conceito de "econômico", ver "Objectivity" in *Social Science and Social Policy*, p.64.

39 "Objectivity" in *Social Science and Social Policy*, p.65.

40 Marx, *The Poverty of Philosophy*, Moscou, s.d., p.92. (A citação no texto é da versão de Weber do original de Marx.) Para a distinção de Weber entre "economia" e "tecnologia", ver *Economy and Society*, v.1, p.65-7.

41 *Geschäftsbericht und Diskussionsreden auf den deutschen soziologischen Tagungen*, p.450.

42 *Economy and Society*, v.1, p.928ss.

43 Reunidos como *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*, Tübingen, 1968 (3.ed.).

44 *Science as a Vocation*, p.153.

45 Muito da discordância sobre os objetivos de Weber no livro surge da não-consideração das réplicas publicadas de Weber às suas primeiras críticas. Cf. seu *Antikritisches zum Geist des Kapitalismus*, *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, v.XX, 1910; e seu *Antikritisches Schlusswort*, ibidem, v.XXXI.

46 A evidência mais definitiva para a continuidade do pensamento de Marx é a versão do esboço de *O capital*. Esta foi publicada em 1939, mas não esteve disponível até 1953, como *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie*, Berlin, 1953. Para uma análise de algumas das fases no desenvolvimento das diferentes "interpretações" de Marx desde o começo do século, ver Erich Thier, *Etappen der Marxinterpretation*, *Marxismusstudien*, 1954, p.1-38.

47 *Theses on Feuerbach*, in Loyd D. Easton, Kurt H. Guddat, *Writings of the Young Marx on Philosophy and Society*, New York, 1967, p.402 (Tese 9).

48 Ludwig Feuerbach, *The Essence of Christianity*, London, 1853.

49 Essa frase, é claro, foi originalmente utilizada por Engels em referência à relação de Marx com Hegel. Cf. Engels, Ludwig Feuerbach and the End of Classical German Philosophy, *Selected Works*, London, 1950, v.11, p.350.

50 *Theses on Feuerbach*, p.400 (Tese 1).

51 Preface to *A Contribution to the Critique of Political Economy*, in Marx, Engels, *Selected Works*, v.1, p.328,9.

52 Cf. Tese 7 in *Theses on Feuerbach*, p.402.

53 *The German Ideology*, Moscou, 1968, p.38,9.

54 *Ibidem*, p.61.

55 *Theses on Feuerbach*, p.402.

56 Cf., por exemplo, *The Civil War in France*, in *Selected Works*, v.1, p.429-40.

57 *Grundrisse*, p.375-413; as seções relevantes estão em grande parte incluídas em uma tradução inglesa de uma pequena parte desse trabalho — E. J. Hobsbawm, *Pre-capitalist Economic Formations*, London, 1964; a discussão de Weber sobre Roma pode ser encontrada em *Die Sozialen Gründe des Untergangs der antiken Kultur*, in *Gesammelte Aufsätze zur Sozial- und Wirtschaftsgeschichte*, p.289-311. Na próxima parte deste capítulo não estarei abordando as discrepâncias entre a discussão de Marx do "modo asiático de produção" e a análise de Weber sobre a China e a Índia. Frequentemente se afirma que as concepções de Weber sobre a emergência do capitalismo racional no Ocidente só podem ser plenamente entendidas à luz de seus escritos sobre as "religiões mundiais". Isso é inegável. Entretanto, é um grande engano enxergar esses escritos, como muitos o fizeram, como uma forma de experimento *ex post facto* que "testa" a influência "independente" da ideologia sobre o desenvolvimento social. O que Weber mostrou é que tanto quanto o conteúdo das éticas religiosas que ele discutiu, a combinação específica das circunstâncias materiais encontradas na Europa, China e Índia também diferiam. (Assim, por exemplo, Weber enfatizou a facilidade das comunicações na Europa, a independência econômica e política peculiar da cidade europeia, além de várias outras condições "materiais" em cujos termos a Europa diferia da China e da Índia.) Esses fatores materiais e ideológicos formaram um "agrupamento" definitivo e inter-relacionado em cada caso: as condições materiais não poderiam, dessa maneira, ser simplesmente tratadas como uma "constante" em oposição à influência "inibidora" ou "facilitadora" da ideologia religiosa como uma "variável" poderia determinar.

58 *Pre-capitalist Economic Formations*, p.84.

59 *Grundrisse*, p.740

60 Marx salientou também que, embora o uso do dinheiro estivesse difundido na Antigüidade, apenas em algumas nações comerciantes ele se tornou essencial para a economia; em Roma, o sistema monetário chegou a ser plenamente desenvolvido apenas durante o período de desintegração da economia. *Grundrisse*, p.23,4. Compare-se com a discussão de Engels sobre Roma, no seu *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, in *Selected Works*, v.11, p.270-8.

- 61 Ver a discussão de *Der Ewigke und sein Eigentum*, de Stirner, in *The German Ideology*, p.143ss.
- 62 *Ibidem*, p.151. Por outro lado, Weber sublinhava que o cristianismo tinha sido sempre uma religião primariamente de artesãos urbanos. Ver *Economy and Society*, v.11, p.481 ss.
- 63 Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Right, in *On Religion*, p.50. Marx aludiu apenas brevemente ao significado do conteúdo ideológico do calvinismo. (Ver, por exemplo, *O capital*, v.1, p.79.) Engels, em várias ocasiões, discutiu o calvinismo mais amplamente.
- 64 Economic and Philosophical Manuscripts, in *Bottomore, Karl Marx*, p.168ss.; ver também Löwith, *Max Weber und Karl Marx*, p.77ss.
- 65 *Grundrisse*, p.313. Sobre o caráter "universalizante" da moeda, cf. Georg Simmel, *Philosophie des Geldes*, Leipzig, 1900. Weber observou sobre o livro de Simmel que "a economia monetária e o capitalismo estão estreitamente identificados, em detrimento de sua análise concreta" (*Protestant Ethic*, p.185). Marx também notou a significação do fenómeno que Weber discutiu mais tarde com mais vagar — o facto de que a lei romana desempenhou um importante papel na formação da sociedade burguesa. Cf. *Grundrisse*, p.30, 916.
- 66 Economic and Philosophical Manuscripts, p.171; cf. Avineri, p.110-1.
- 67 *Grundrisse*, p.133-4.
- 68 Marx e Engels, *The Holy Family*, Moscou, 1956.
- 69 Carta ao editor de *Obyezovennyye Zapiski*, 1877, *Selected Correspondence*, London, 1934, p.355. (Tradução modificada por mim).
- 70 Marx, é claro, compreendia que as estruturas políticas podiam variar em grau considerável, independentemente dos interesses de classe. (Ver, por exemplo, sua carta em *Letters to Kugelmann*, London, s.d., p.23.) Marx percebeu que a sociedade mais desenvolvida em termos económicos, a Inglaterra, tinha um Estado menos complexo do que a Alemanha ou a França. O Estado inglês, escreveu Marx em 1885, era "um compromisso arcaico, esgotado e antiquado entre a burguesia, que governa completamente na realidade, mas não oficialmente, as várias esferas da sociedade civil e a aristocracia fundiária que governa oficialmente". *Die britische Konstitution*, *Werke*, 11, p.95
- 71 Gerth e Mills, *From Max Weber*, p.47.
- 72 *Grundrisse*, p.428. Marx, entretanto, observou que o caso do exército e o da organização capitalista diferiam no facto de que o soldado profissional não era contratado para produzir mais valia.
- 73 *Anti-Dühring*, Moscou, 1962; *Dialectics of Nature*, Moscou, 1954.
- 74 A frase é de Luckács, *Geschichte*, p.20
- 75 De facto, Engels repudiou os escritos de alguns dos seus discípulos intelectuais que realmente estavam apenas deduzindo implicações lógicas dos temas centrais do *Anti-Dühring*. Sua tentativa de escapar do impasse teórico a que suas

concepções conduziram está formulada nesta afirmação: "De acordo com a concepção materialista da história, o elemento determinante na história é em última instância a produção e reprodução na vida real. Nem Marx nem eu jamais afirmamos mais do que isso". Engels para Bloch, 21 de setembro de 1890, in *Selected Correspondence*, p.475. Antes disso, é claro, Marx também se sentiu compelido a comentar ironicamente que "não era um marxista".